

ESTRATEGIAS DE MOTIVAÇÃO E FATORES ORGANIZACIONAIS PARA O SUCESSO NO ENSINO POLITÉCNICO. SITUAÇÃO E PROCEDIMENTOS NA ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E HOTELARIA DO POLITECNICO DA GUARDA- PORTUGAL

FERNANDES, Gonçalo
Instituto Politécnico da Guarda –UDI/IPG e CICS.NOVA- Portugal
e-mail: [goncalopoeta@ipg.pt](mailto:gonalopoeta@ipg.pt)

COSTA, Adriano
Instituto Politécnico da Guarda –UDI/IPG – Portugal
e-mail: a.costa@ipg.pt

MARTINS, José Alexandre
Instituto Politécnico da Guarda –UDI/IPG - Portugal
e-mail: jasvm@ipg.pt

Resumo. A construção de um percurso de aprendizagem profícuo está associada a uma efetiva participação no processo formativo, através da presença na aula, na reflexão e partilha de experiências, na descoberta de conhecimento, na pesquisa aplicada, no trabalho em equipa, no desenvolvimento de tarefas, entre outros processos, que fomentam um profícuo mecanismo de obtenção de conhecimento e competências.

A motivação como processo, que conduz a um esforço para alcançar metas, constitui um fator relevante para o desenvolvimento pessoal e académico dos alunos, promovendo distintas estratégias de acção, capazes de proporcionar o sucesso das aprendizagens. No ensino superior a falta de assiduidade e o abandono constitui um problema que ganha amplo significado e que gera efeitos perniciosos nas instituições de ensino, nos docentes e na próprias políticas públicas, pelo que se torna determinante conhecer as causas ou os motivos de falta de assiduidade e indagar sobre as metodologias e estratégias de integração ativa dos estudantes

Os estudantes, em particular os deslocados, estão expostos a situações novas resultantes da integração numa nova comunidade, mais autonomia individual, novas funções e tarefas, que exigem reequilíbrios e adaptações, muitas das vezes geradoras de desmotivação, associando ansiedade e inaptações funcionais, que induz à falta de assiduidade e perturbam o processo de ensino aprendizagem. Também a descoberta de novas vivências, praticas letivas distintas das expectativas ou dos conhecimentos detidos, potenciam situações de desmotivação, falta de assiduidade e insucesso escolar.

Este estudo pretende indagar sobre as causas/motivos de desmotivação e falta de assiduidade, procurando sistematizar informação e identificar acções e procedimentos profícuos e mitigadores, da desmotivação, da ausência as aulas e do abandono escolar.

Palavras Chave: Motivação, Ensino Superior, Assiduidade, Estratégias e Aprendizagem.

1. Introdução

A aprendizagem e o rendimento académico estão tendencialmente alicerçadas em torno das características dos estudantes e dos fatores associados aos espaços educativos. Neste sentido, refletir sobre o sucesso das aprendizagens dos alunos implica, também, refletir sobre as variáveis contextuais que os envolvem nestes processos, desde o seu background formativo, condições de aprender e metodologias de ensino, conteúdos curriculares e relacionamento com a comunidade. A realidade dos novos alunos do ensino superior equaciona-se hoje de forma diferenciada em função dos contextos de aprendizagem seguidos, das políticas protagonizadas com orientações e modelos formativos diversos, com o perfil educativo, com o acesso às tecnologias de informação e com modelos de vida promovidos pelos Media Sociais, muitas das vezes ilusórios ou divergentes de um processo formativo que é exigente. Neste sentido, conhecer os problemas para equacionar estratégias construtivas está no centro de interesses deste trabalho que, de forma integrada, procura dar a conhecer as realidades existentes no Instituto Politécnico da Guarda (IPG) em particular na sua Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH/IPG) e refletir sobre as estratégias a encetar. Os estudantes do ensino superior, em particular aqueles cujas bases de formação ou a motivação vocacional não se encontram consolidadas, revelam necessidades de encontrarem equilíbrios entre as suas apetências formativas, os conhecimentos e capacidades detidas, a descoberta de uma maior autonomia individual e integração na nova comunidade, as novas relações com a Escola e o mundo exterior e a automotivação para tarefas que parecem carecer de interesse ou aparentam não ir ao encontro das expectativas. Face a esta situação, bem como a outras com que são confrontados durante o período de aulas, os estudantes acabam por gerar ou serem expostos a situações de desmotivação, por vezes associando alguma ansiedade e inadaptação funcional/organizacional que induz à falta de assiduidade e que perturbam o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o sucesso escolar e/ou o abandono escolar.

Sendo um problema que assume progressivamente maior significado e expressão no ensino superior, que gera efeitos perniciosos nas instituições de ensino e seus docentes e cria preocupação nas entidades que tutelam o ensino superior, torna-se crítico conhecer as causas ou os motivos de falta de assiduidade e indagar sobre as metodologias e estratégias de integração ativa dos estudantes que promovam a sua motivação e uma atitude ativa no processo de ensino-aprendizagem. Neste âmbito, desenvolveu-se a auscultação dos alunos, através dos seus representantes, Associação de estudante e Concelho Pedagógico, bem como a análise de dados comportamentais dos alunos na presença em sala de aula e resultados das suas avaliações. Esta metodologia ativa e participante procura identificar as razões/motivos de falta de assiduidade e insucesso, bem como de condições, meios e estratégias que possam qualificar as práticas de ensino para uma maior presença dos alunos nas aulas e incremento do sucesso nas aprendizagens.

2. O problema da motivação e assiduidade no Ensino Superior – Aspetos e Reflexões

O interesse pela motivação na aprendizagem é relativamente recente, as teorias mais antigas relativas à aprendizagem limitavam a motivação a uma pré-condição intrínseca da disposição para a aprendizagem. No presente, as investigações permitem concluir que a ligação entre a aprendizagem e a motivação vai muito mais além desta pré-condição, sendo possível observar uma reciprocidade: a motivação pode interferir na aprendizagem e no desempenho escolar dos alunos, bem como a aprendizagem pode produzir um efeito na motivação desses. Um dos grandes objetivos da Educação é fazer com que todos os alunos tenham uma hipótese de sucesso e de progresso (Bzuneck, 2010), na forma de aprender e de alcançar resultados. No âmbito da Educação, podemos afirmar que motivar é fomentar o interesse, a vontade e a necessidade de aprender, fazendo com que os alunos encontrem motivos para aprender, para se descobrirem, construírem e desenvolverem as suas potencialidades (Silva, 2009). Quando um aluno está realmente motivado encontra-se predisposto a

aprender, isto é, são os comportamentos motivados que facilitam a aprendizagem, que incitam e fazem com que os estudantes se envolvam nas atividades escolares facultando, conseqüentemente, a procura e a aquisição de novos conhecimentos e competências.

Para Rosário, P., Núñez, J. e Pienda, J. (2006, p.180), a motivação constitui um “processo pelo qual se iniciam e se sustentam as atividades orientadas para os objetivos”. Desta forma a motivação é um processo e não um produto, daí não poder ser observada diretamente, mas inferida a partir de alguns comportamentos, tendo em vista o atingir de metas. As metas têm a função de oferecer um ímpeto para a direção da ação do sujeito. Assim, a motivação para além de levar uma pessoa a iniciar uma ação, mantém-na na ação e ajuda-a a finalizar as suas tarefas.

Refira-se que é fácil gostar de algo em que conseguimos ter bons resultados, mas difícil manter a motivação quando os resultados são fracos ou as expectativas não são devidamente satisfeitas. Os resultados são produto das metodologias de ensino que, necessariamente, devem cativar, estimular e envolver os alunos, de modo a alcançar aprendizagens profícuas, integradoras dos alunos nas instituições e atividades que sistematicamente vão sendo construídas, no intuito da sua qualificação e valorização pessoal e profissional

Neste contexto a motivação é uma das causas mais fortes que liga o estudante ao estudo, através da perseverança, determinada pelo gosto da descoberta e da invenção, pela criatividade, novidade e originalidade. No presente, existe uma grande quantidade de investigações sobre as formas em que os estudantes em todos os ciclos de estudo desenvolvem a aprendizagem. O ensino deve ser momento e processo para a construção de significados adequados por parte do estudante a partir dos conteúdos e atividades curriculares, em oposição a uma conceção tradicional, de currículos fixos e metodologias de ensino desenhadas. Nesta linha construtivista, a intervenção educativa está orientada para que o estudante desenvolva a capacidade de ele próprio realizar aprendizagens significativas, perante uma diversidade de situações e circunstâncias. Procura-se que o estudante “aprenda a aprender”, o que não é tido pelos investigadores como tarefa, tendo neste âmbito a escola um papel decisivo no ensino das competências do pensar e no manuseio de tais competências no seu quotidiano. Hoje, vivemos numa sociedade de informação e do conhecimento, pelo que o ensino deverá incorporar significativamente a construção de destrezas cognitivas e conhecimentos, significando a apropriação de mecanismos de busca e seleção de informação, bem como de processos de análise e resolução de problemas, que viabilizem a autonomia progressiva do estudante no aprender e no realizar, os quais se prolongam por toda a vida (Rosário P. S. e Almeida, L. S., 2005).

A aprendizagem e o rendimento académico estão tendencialmente alicerçadas em torno das características dos estudantes e dos fatores associados aos espaços educativos. Ramsden, P. (1992 e 1997) refere que os pensamentos e ações dos alunos são profundamente afetados pelo contexto educativo ou ambiente de aprendizagem, considerando as perceções dos alunos acerca do contexto de aprendizagem como parte integrante da sua própria experiência formativa. As características percebidas pelos alunos como sendo as mais importantes no professor parecem, deste modo, ir para além da competência para a instrução, entendida como capacidade de ensinar e de transmitir conhecimento, de fazer os alunos aprender. O ambiente de aprendizagem – o quando, onde e como os alunos aprendem – parece assumir também um peso relevante nos estudos encontrados nesta área, chamando a atenção para aspetos como o entusiasmo do professor, o interesse transmitido aos alunos, como forma de os envolver na própria aprendizagem e de estimular abordagens ao estudo do tipo mais profundo, indo para além da mera reprodução de informação ou de um tipo de estudo centrado, em demasia, nas classificações escolares. Por último, as características pessoais do próprio professor, na sua vertente mais afetiva, aparecem também valorizadas pelos alunos, ou seja, a pessoa com quem os alunos aprendem, acaba por marcar diferenças no percurso académico dos alunos. Monteiro, S. (2010)

3. Considerações sobre motivação, assiduidade e sucesso de aprendizagem na ESTH.

Com base nas apreciações dos alunos e nos respetivos relatórios de curso produzidos na Escola Superior de Turismo e Hotelaria (onde são explicitadas as taxas de aprovação, classificações obtidas, assiduidade e metodologias de ensino-aprendizagem), procurou-se uma abordagem qualitativa através de uma metodologia compósita que permitisse agregar a realização de focus grupos, auscultação dos alunos integrantes dos conselhos pedagógicos, sistematização de informação contida nos relatórios de Direção de Curso e nos inquéritos resultantes dos processo de avaliação das Unidades curriculares realizados semestralmente.

Do estudo sobre assiduidade e sucesso das aprendizagens realizado foi claramente percecionada a ideia de que a assiduidade é fundamental para um real sucesso escolar, havendo o entendimento de que a falta de assiduidade pode ser geradora de entraves à eficácia e eficiência do processo de ensino-aprendizagem.

As considerações de enquadramento sobre a falta de assiduidade às aulas, constituem informação crítica para o desenho da pesquisa e para a interpretação dos principais aspetos que confluem para práticas de ausência às aulas, quer resultantes de quadros de organização social da vida académica, das forma de estruturação e lecionação das unidades curriculares, das metodologias de ensino ou dos níveis de conhecimento detidos (perfis formativos) que estruturam distintas capacidades de compreensão dos conteúdos e de interesse à sua frequência.

O diagnóstico dos principais motivos que conduziram à falta às aulas, de acordo com os alunos da Escola, está estruturado em questões motivacionais, de valorização da presença em aula e disponibilidade:

- Falta motivação para as aulas devido a fracos conhecimentos de base por parte de alguns alunos;
- Grande amplitude nos níveis de conhecimento dos alunos.
- Estudo desorganizado e Gestão desadequada do tempo, falta de programação das atividades, irresponsabilidade priorizando atividades não formativas em detrimento do trabalho associado à Escola);
- Envolvimento em ações de praxe e de atividades lúdicas/festas académica, originado cansaço e adequada disponibilidade para as atividades letivas;;
- Ser trabalhador estudante, o que implica um maior esforço de presença em aula e disponibilidade para as tarefas académicas;
- Falta de interesse na disciplina ou no conteúdo programáticos originado desmotivação e desinteresse;
- Metodologias expositivas e existência dos mesmos conteúdos em formatos digitais que propiciam um menor envolvimento e disposição para a aprendizagem em sala de aula;

4. Estratégias e procedimentos de motivação e presença nas aulas.

Dos resultados obtidos por via das práticas desenvolvidas na Escolas é notória uma valorização da presença nas aulas como fator inequívoco de uma melhor aprendizagem e resultados académicos. O aspeto crítico é de se promover o reconhecimento da importância dessa presença, pelo interesse de aprender e não pela obrigatoriedade, como forma de coagir a assiduidade por via dos condicionalismos aos resultados. Na pratica percepciona-se a importância de existência de argumentos/factores motivadores que fomentem os estudantes a ter uma atitude sistematicamente participante e de envolvimento com os projectos e iniciativas que conduzam á sua aprendizagem.

Propostas de ação que visam a melhoria da assiduidade e sucesso das aprendizagens:

- Acompanhar os trabalhos, com distribuição uniforme ao longo do semestre, seguindo a matéria lecionada por forma a não sobrecarregar o fim do semestre com inúmeros trabalhos em diferentes unidades curriculares;
- Incentivar a utilização das Salas da Escola/Campus e Biblioteca para consulta bibliográfica e realização de trabalhos de estudo;
- Reduzir a ponderação na avaliação por teste escrito com o aumento consequente da ponderação na avaliação por trabalhos, principalmente em trabalhos que exijam alguma complexidade e tempo para a sua realização;
- Promover visitas de estudo e teleconferências usando, sempre que possível, as novas tecnologias para desta forma incluir o maior número de alunos inscritos e reduzir custos ao IPG;
- Implementar um sistema de controlo institucional da presença nas aulas que elimine a discricionariedade do docente e facilite o registo, nos casos em que vários docentes lecionem a mesma unidade curricular;
- Diferenciar as notas por aluno nos trabalhos desenvolvidos em grupo;
- Fortalecer o atendimento semanal nos gabinetes dos professores fomentando a ida dos alunos na época das avaliações;
- Inclusão da assiduidade nos critérios de avaliação;
- Promover os contactos dos docentes com alunos através da plataforma, email, Redes Sociais e outros meios que permitam promover práticas de ensino flexíveis de acordo com as diversas necessidades dos estudantes;
- Promover a procura do professor em horas de atendimento, como suplemento e complementaridade as aulas, reforçando práticas de acompanhamento dos alunos nas aprendizagens, quer no tocante às abordagens teóricas quer nas abordagens de cariz prática/aplicado, relativas a trabalhos ou procedimentos técnicos;
- Fazer uma gestão dos horários que tenha em atenção aspetos como: a sobreposição de unidades curriculares de diferentes anos e a não condensação em blocos de muitas horas de aula da mesma unidade curricular;
- Reforçar a política de receção dos novos alunos que promova a integração desses alunos tanto na escola como na cidade;
- Interceder junto da Associação de Estudantes e da Comissão de Praxe para promoverem uma integração efetiva dos alunos na academia e no apoio as atividades de ensino-aprendizagem;
- Nas línguas estrangeiras promover a realização de teste de diagnóstico no ano de matrícula, para posterior colocação dos alunos em turmas de acordo com os níveis de conhecimento;
- Solicitar aos professores que, numa linha pedagógica, reforcem a orientação, desde o início e de forma permanente e insistente, através de formas eficientes de organização e de método de estudo;
- Reforço e atualização da componente pedagógica dos professores, promovendo a utilização de metodologias de ensino-aprendizagem mais aliciantes e eficazes, nomeadamente: acontecimentos atuais e/ou da realidade envolvente; Fazer a apresentação de mais casos práticos que façam a ligação com o mercado de trabalho;
- Formações extracurriculares (cursos livres) e/ou o estímulo ao uso do horário de atendimento, no sentido de diminuir o problema de falta de bases;
- Redução do número de trabalhos pedidos, “ajustando-os ao volume de trabalho de cada unidade curricular”, e uma orientação mais eficaz nos trabalhos de grupo.

Conclusões

O trabalho desenvolvido e os resultados obtidos por via da auscultação de alunos representantes de curso nos Conselhos Pedagógicos, das indicações obtidas por via dos relatórios de curso e das investigações produzidas sobre esta problemática, permitem identificar um conjunto de fatores que vêm contribuindo para uma falta de assiduidade dos alunos e respetivas implicações nos processos de ensino aprendizagem.

De acordo com os dados recolhidos podem-se estruturar os aspetos de falta de assiduidade em torno dos alunos, professores e condições organizacionais. No tocante aos alunos verificam-se problemas associados ao seu background formativo, à motivação de frequência do curso e a metodologias de organização do trabalho/estudo, que associado a alguma falta de maturidade e responsabilidade conduzem a práticas de absentismo e de interesses divergentes dos escolares.

Em termos dos docentes assinalam-se práticas pedagógicas pouco cativantes, resultantes de uma excessiva ou desadequada lecionação dos conteúdos teóricos, bem como uma não suficiente operacionalização de metodologias mais práticas sustentadas em componentes de aplicação, de estudo de casos, exploração de conteúdo ou desenvolvimento de trabalhos, em detrimento de metodologias passivas e de reprodução dos conteúdos detidos em diapositivos. São referenciadas situações que requerem maior acompanhamento dos docentes, maior versatilidade nas formas de contacto e horas de atendimento/tutoria, bem como a valorização de diferentes processos de avaliação. A atualização dos conteúdos, a adequação a casos reais e a utilização de ferramentas de trabalho adequadas ao curso são também motivo de apreciação dos alunos.

Referencias Bibliográficas

- BIGGS, J. (2005). *Calidad del aprendizaje universitario*. Madrid: Narcea
- BZUNECK, J. A. (2010). Como motivar os alunos: Sugestões práticas. Em E. Boruchovitch, J. A. Bzuneck & S. É. R. Guimarães (Orgs.), *Motivação para aprender: Aplicações no contexto educativo*. (Cap. 1, pp. 13-42). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- DAVIS, C.; NUNES, M.M.R. E NUNES, C.A.A. (2005). Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática. *Cadernos de Pesquisa*, 35 (125), 205-230.
- DECI, E. L. & RYAN, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- DECI, E. L. & RYAN, R. M. (2000). The “what” and the “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11 (4), 227-268
- FONSECA, M. L. (2011). Estimando a Elasticidade do Efeito da Assiduidade às Aulas no Mérito Académico. consoante a Classe Social no Ensino Superior Português, *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXII, pág. 155-176
- JESUS, S. N. (2002). Relação pedagógica e motivação do professor e do aluno no ensino superior. In S. N. Jesus (Org.), *Pedagogia e Apoio Psicológico no Ensino Superior*. Coimbra: Quarteto Editora, pág. 11-27.
- JESUS, S. N. (2002). Insucesso funcional na escola actual. Ser, estar, agir: *Formação contínua de professores*, 1, pág. 83-84.
- JESUS, S. N. e VIEIRA, L. S. (2005). Motivação dos alunos no Ensino Superior. Uma investigação realizada na Universidade do Algarve. In A. Tomé & T. Carreira (Org.), *Ensino·Formação·Profissão Arte*, pág. 27 – 48, Lisboa: Editorial Minerva
- LOURENÇO, A. A. & PAIVA, M. O. A. (2010, agosto). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Revista Ciências e Cognição*, 15 (2), 132-141. Acedido abril 19, 2015, de http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v15_2/12_132-141_m313.pdf
- MARTINI, M.L. (2008). Promovendo a motivação do aluno: contribuições da teoria da atribuição de causalidade. *Psicol. Esc. Educ.*, 12 (2), 479-480.
- MONTEIRO, S., ALMEIDA, L., CRUZ, J.F e VASCONCELOS R. M. (2010). Percepções de alunos de excelência relativamente ao papel dos professores: um estudo com alunos de engenharia, *Revista Portuguesa de Educação* v.23 n.2 Braga (http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087191872010000200010&script=sci_arttext)
- MORAIS, N. (2005). *Percepções do ensino pelos alunos: Proposta de instrumentos de avaliação para o ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Braga: Universidade do Minho
- NETTO, S. P. (1987). *Psicologia da aprendizagem e do ensino*. São Paulo: EPU.

- NIEMIEC, C. P. & RYAN, R. M. (2009), Autonomy, competence and relatedness in the classroom: Applying self-determination theory to educational practice. *Theory and Research in Education*, 7 (2), 133-144. Acedido outubro 17, 2015, de http://www.selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2009_NiemiecRyan_TRE.pdf
- PINHEIRO, M. R. (2007). O que posso fazer por mim? Ou a outra face da Pedagogia do Ensino Superior: Princípios e desafios das boas práticas dos estudantes. Comunicação apresentada no IX Congresso da Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação: Educação para o sucesso, políticas e actores. Funchal.
- PINTRICH, P.R. & SCHUNK, D. H. (2002). *Motivation in education: Theory, research and applications* (2nd ed.). New Jersey: Merrill/Prentice Hall.
- RAMSDEN, P. (1992). *Learning to teach in higher education*. London: Routledge.
- RAMSDEN, P. (1997). The context of learning in academic departments. In F. Marton, D. J. Hounsell & N. J. Entwistle (Eds.), *The experience of learning* (2nd ed.), pág. 198-216. Edinburgh: Scottish Academic Press.
- REEVE, J. (2002). Self-determination theory applied to educational setting. Em E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research*. (pp. 183–203). Rochester, NY: University of Rochester Press
- RODRIGUES, M. J. et al (2005). *Aprender a estudar no ensino superior. Apresentação de um programa de métodos de estudo*. Universidade de Coimbra e Universidade de Aveiro: GAP-SAS.
- ROSÁRIO, P., NÚÑEZ, J. & PIENDA, J. (2006). *Comprometer-se com o estudar na Universidade: Cartas de Gervásio ao seu umbigo*. Coimbra: Almedina.
- ROSÁRIO, P. S. & ALMEIDA, L. S. (2005). Leituras construtivistas da aprendizagem. In G. L. Miranda & S. Bahía (Org.), *Psicologia da Educação. Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*, pág. 141-165. Lisboa: Relógio Água.
- ROSÁRIO, P. e outros. (2000). As abordagens dos alunos à aprendizagem em função da área académica: uma investigação na Universidade do Minho. In: A. P. Soares et al. (Eds.). *Transição para o ensino superior*, pág. 133-145. Braga: Universidade do Minho.